

A sondagem como instrumento de diagnóstico dos avanços no processo de construção da escrita.

Márcia Maria de Albuquerque Feier
Maria Elena Roman de Oliveira Toledo

INTRODUÇÃO

Esse artigo se constitui como uma análise de parte dos dados coletados para a realização da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “ Alfabetização: O papel da intervenção docente”.

A citada pesquisa, em andamento desde março de 2016, tem por objetivo analisar, à luz das teorias , os motivos pelos quais algumas crianças parecem não avançar e, quais situações de sala de aula contribuem, efetivamente, para o processo de alfabetização.

A pesquisa, prevê a realização de entrevistas com docentes de algumas classes de alfabetização, bem como momentos de observações de em sala de aula, com o intuito de conhecer melhor o cotidiano e os múltiplos fatores que determinam o sucesso ou o insucesso do processo de alfabetização. Prevê também, a proposição de momentos de intervenções para verificação, ou não, de avanços e análise dos possíveis fatores que interferem no processo de construção de conhecimentos sobre a leitura e a escrita.

Tendo em vista o objetivo proposto, nossa primeira coleta de dados foi realizada junto à Diretoria Regional de Ensino Sul 2, visando o levantamento de dados sobre a primeira e da última sondagem de escrita realizadas no ano de 2015.

Embora a referida Diretoria abranja 92 escolas, nossos dados são referentes à dez delas, escolhidas como uma amostragem sobre a qual teceremos nossas considerações finais. Esta amostragem consiste na análise dos resultados de sondagens de 1345 alunos no início do ano letivo de 2015 e de 1313 alunos no final do mesmo.

A análise dos dados, organizados sob a forma de gráficos, permitiu-nos identificar os avanços no processo de construção da escrita ao longo do ano letivo, bem como, as diferenças nos avanços produzidos nas diferentes escolas.

Essas observações foram de grande valor pois nos permitiram levantar questões sobre as causas do sucesso ou do insucesso no processo de produção da escrita, para as quais mobilizaremos ações de investigação ao longo da pesquisa, para a busca de respostas. Discutir e pesquisar respostas para essas questões nos permitirá ter uma melhor compreensão de aspectos que permeiam o cotidiano das classes de alfabetização e, por conseguinte, elencar princípios que contribuam para que as práticas pedagógicas possam, efetivamente, contribuir para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Aprendizagem da escrita: razões do insucesso.

Dados tem mostrado que a alfabetização em nosso país não está atingindo as expectativas que são estabelecidas através do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, (2012), expectativas estas que dizem respeito ao que a criança deve aprender em determinado ano escolar. No caso do 2º Ano do Ensino Fundamental, nosso objeto de estudo, é explícito que a proficiência pretendida é que o aluno conclua este ano apresentando a hipótese de escrita alfabética para dar continuidade no ano sucessivo que terá como objetivo outras expectativas.

Acompanhar os resultados das escolas através de avaliações, pode ser um dos instrumentos de estudo para investigar as causas do não avanço de algumas crianças. Porém, é importante conhecer todo o universo da aprendizagem para entender o que de fato gera o fracasso escolar.

Na busca por respostas que clareiem esta questão fundamental do ensino, foi possível encontrar autoras que com a mesma preocupação se dispuseram a colaborar com o enriquecimento desta temática devido às suas pesquisas se tornaram base para este artigo.

Tendo em vista o percurso histórico da alfabetização no Brasil, Mendonça (2011) evidencia a década de 80 como sendo um período de grande relevância, dada as novas discussões ocorridas nesse

período. Foi no final dessa década que autores como Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1988) trouxeram conhecimentos sobre o processo de construção da escrita realizado pelas crianças, que são de grande relevância para a formação e atuação dos professores alfabetizadores.

Neste período, as referidas autoras explicitaram seus resultados de pesquisa em “ A Psicogênese da Língua Escrita”¹, obra que demonstra como ocorre o processo de aprendizagem da escrita. Segundo as autoras, o processo de construção da escrita passa por diferentes etapas, denominadas como “hipóteses”. Cada hipótese corresponde a uma fase do processo natural que a criança percorre ao construir seu conhecimento, incluindo características particulares em cada uma delas.

As diferentes hipóteses de escrita são diagnosticadas mediante a realização de sondagens de escrita, ou seja, momentos nos quais o professor propõe a escrita espontânea de uma lista de palavras, seguida por uma frase, que façam parte do universo da criança, mas que, no entanto, ela não conheça de memória.

Ao tomar conhecimento das diferentes hipóteses apresentadas pelos alunos, o professor torna-se mediador entre o educando e a escrita, podendo criar e executar estratégias que façam com que o aluno reflita e aja, avançando no seu processo de construção da escrita. Esta pesquisa também valoriza a função social da escrita, mostrando que a presença de textos com função social real na sala de aula, amplia as possibilidades de reflexão sobre a Língua e torna a alfabetização mais significativa.

1. FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988

A pesquisa realizada pelas autoras, ao lançar uma nova luz sobre os processos de aprendizagem da escrita, traz a necessidade de repensar as práticas docentes. A partir da nova concepção de aprendizagem, faz-se necessário pensar a sala de aula como um local que ofereça, efetivamente, oportunidades para que o processo de construção da escrita ocorra.

Contudo, repensar a sala de aula não significa, de modo algum, uma didatização da Psicogênese da Língua Escrita. Muitas tentativas equivocadas foram feitas no intuito de transformá-la em um método de ensino, gerando equívocos conceituais e práticos. Esses equívocos têm, entre outros fatores, contribuído para o insucesso na aprendizagem.

Um outro fator, segundo Collelo (2007), é a complexidade da língua escrita, que determina a necessidade de maior atenção a diferentes aspectos dela, no processo de ensino.

Dentre esses aspectos, ela aponta, através de estudo realizado com alunos entre 6 a 12 anos de escola pública em São Paulo (COLLELO, 1997, 1999, 2003^a, 2004a, b apud COLELLO, 2007) a precocidade das tendências que condicionam o uso da escrita dando ênfase ao racional e funcional, tendo como resultados, escritas com pouca autenticidade e criatividade.

Segundo a autora, o que predomina nas escolas é o trabalho com textos “escolarizados”, ou seja, desprovidos de função social. Esses textos, entre outros males, levam à uma artificialização e uma fragmentação do saber. Soma-se a isso o fato que, ao invés de possibilitar a reflexão sobre a língua, a correção docente tem se limitado a apontar os erros.

O trabalho com textos que tenham uma existência social real, pode tornar a aprendizagem mais prazerosa, além de despertar a curiosidade sobre o objeto de conhecimento. O planejamento de boas intervenções docentes, pensadas a partir dos “erros” cometidos pelos

alunos, contribui para o avanço no processo de construção da escrita.

Esses e outros aspectos devem ser considerados, no planejamento docente, para que haja, de fato, avanços no processo de construção da escrita. Embora as discussões sobre eles venham sendo realizadas desde a década de 80, ainda hoje, a alfabetização se constitui como um problema a ser enfrentado em nosso país: muitos alunos passam pela escola sem adquirir as habilidades de leitura e escrita.

Os primeiros dados por nós coletados, apontam para essa realidade: uma parte dos alunos matriculados no 2º ano do Fundamental da Rede Estadual de Ensino, ao final de um ano letivo, continuam na mesma hipótese de escrita, na qual iniciaram o ano letivo.

Análise de dados das sondagens inicial e final de escolas da Rede Estadual de Ensino/SP.

Como parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Alfabetização: O papel da intervenção docente”, foi realizada uma coleta de dados junto a dez escolas da Diretoria Regional de Ensino Sul 2, visando comparar os resultados obtidos na primeira e na última sondagem de escrita, realizadas no ano de 2015.

A escolha da Diretoria de Ensino foi realizada tendo em vista que uma das autoras², atuou como Aluna Pesquisadora³ em uma das escolas pertencentes a ela.

A referida Diretoria Regional de ensino, administra um total

2. Márcia Maria De Albuquerque Feier.

3. Termo utilizado para nomear os participantes do Programa Bolsa Alfabetização, pelo qual, alunos dos cursos de Pedagogia e Letras atuavam como estagiários nas classes de alfabetização da Rede Estadual de Ensino, auxiliando o professor regente no processo de construção da escrita dos alunos. De acordo com as diretrizes do Programa, o estagiário deveria, também, realizar uma Investigação Didática sobre um tema pertinente à alfabetização, durante seu período de permanência na escola.

de 92 escolas e entre elas, 24 atendem, apenas, o Ciclo I do Ensino Fundamental. A escolha das escolas analisadas foi feita, tendo por critério único, atender, exclusivamente o Ciclo I. Utilizando-se esse critério foram escolhidas nove, das dez escolas. A outra escola foi incluída na amostragem por ter sido nela que a pesquisadora havia atuado, o que facilitaria o contato para a coleta de dados.

Sabemos que os dados coletados aqui não nos permitem fazer generalizações, tendo em vista o tamanho do universo da pesquisa. Todavia, esse universo nos permite tecer considerações que podem ser relevantes para compreender, mesmo que parcialmente, questões importantes do processo de alfabetização.

Foram pesquisados o total de 1345 alunos na 1ª sondagem e 1313 alunos na 5ª e última sondagem do ano letivo de 2015. Temos como hipótese que, a diferença no número de alunos sofreu um decréscimo ao longo do ano, por conta de transferências para outras unidades escolares e/ou por evasão. Não temos como fazer afirmações sobre essa variação pois, para isso, precisaríamos fazer uma investigação mais aprofundada, que não se constitui como um dos nossos objetivos.

Os dados coletados junto à Diretoria de Ensino foram organizados sob a forma de gráficos, para facilitar a visualização e análise dos mesmos. Neles é possível perceber os avanços dos alunos do 2º ano do Ensino fundamental 1, detalhando em quais hipóteses de escrita estes se encontram no início do ano letivo e no final do mesmo. Assim é possível analisar os resultados de cada escola e fazer algumas observações⁴.

Ao observar os gráficos gerais das escolas participantes nas figuras 1 e 2, percebe-se, que há um grande avanço entre a primeira

4. Para melhor visualização dos gráficos houve um mínimo arredondamento de números em porcentagem, o que justifica margem de erro.

e a última sondagem, mas algumas crianças permanecem nas mesmas hipóteses, após um ano de trabalho.

Na figura 2, comprova-se esta afirmação através da soma de alunos que estão entre as hipóteses de escrita: silábicas e silábicas alfabéticas, que é correspondente ao total de 14%, ou seja, 193 alunos que chegaram ao fim do ano letivo com nenhum ou pequenos avanços.

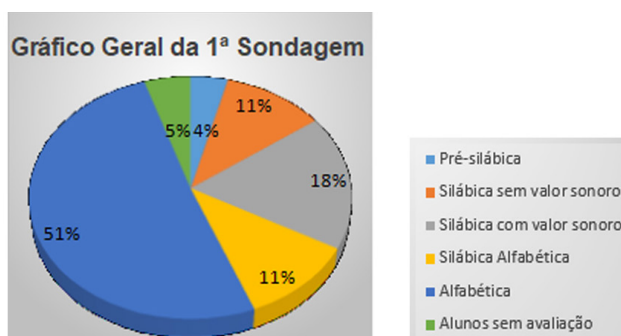


Figura 1, corresponde ao gráfico geral da 1ª sondagem do ano letivo de 2015, das 10 escolas participantes.

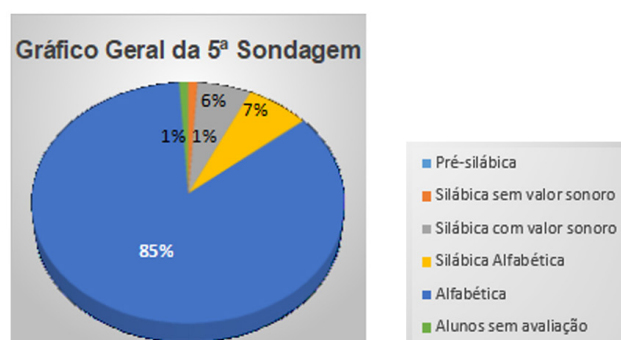


Figura 2, corresponde ao gráfico geral, da 5ª e última sondagem do ano letivo, de 10 escolas participantes.

Na figura 3, pode-se observar os resultados obtidos em uma das escolas, na qual os avanços foram mais significativos. Nele, pode-se perceber que 91% dos alunos desta escola já se encontravam na hipótese de escrita alfabética, ou seja, iniciaram o ano letivo já escrevendo de maneira alfabética, mesmo que ainda sem pleno domínio das convenções ortográficas.

Na sondagem final (figura 4) pode-se perceber que 7% dos alunos avançaram para a mesma hipótese, perfazendo um total de 98% de alunos alfabetizados.

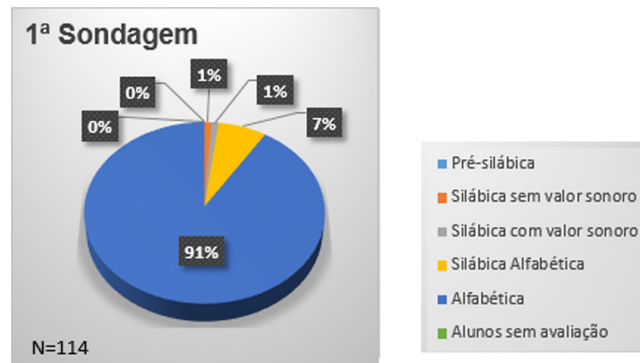


Figura 3, corresponde ao gráfico da 1ª sondagem de uma escola que se destacou por seu excelente resultado.

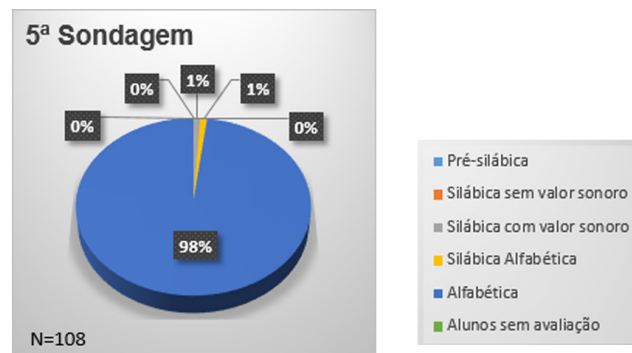


Figura 4, corresponde ao gráfico da 5ª sondagem da mesma escola citada acima.

Uma outra escola que nos chamou a atenção (figura 5) apresentou, no começo do ano letivo, 31% dos alunos na hipótese de escrita alfabética. 19% dos alunos apresentavam a hipótese silábica alfabética, 45% a hipótese silábica e, nenhum aluno, a hipótese pré-silábica.

No final do ano letivo (figura 6), nota-se um salto de 63% nos resultados, pois, 94% destes alunos estavam na hipótese de escrita alfabética, 3% na hipótese silábica alfabética e, 3% na hipótese silábica sem valor sonoro.

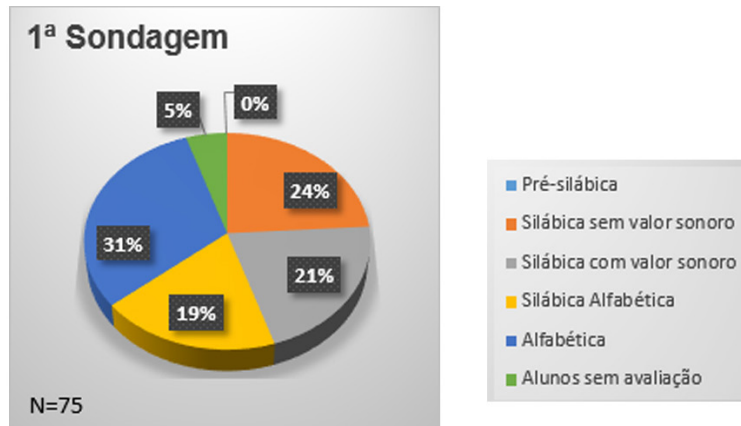


Figura 5, corresponde ao gráfico da 1ª sondagem da 2ª escola que teve um excelente resultado.

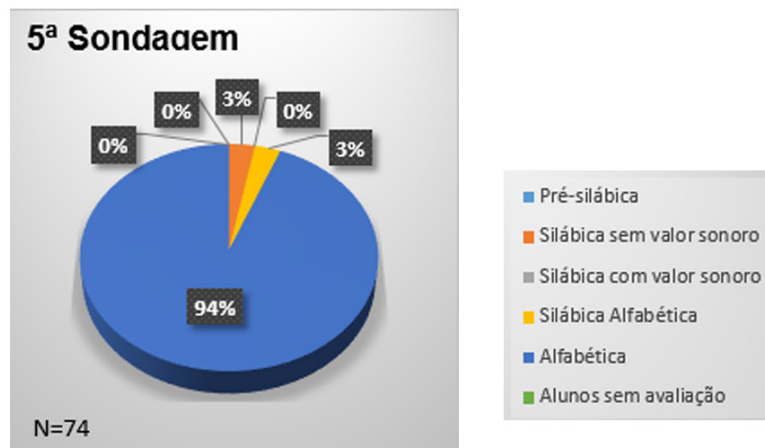


Figura 6, corresponde ao gráfico da 5ª sondagem da mesma escola citada acima.

Essas duas escolas (figuras 3-6) chamam a atenção, justamente, por apresentarem resultados melhores do que as outras escolas que também fazem parte da mesma Diretoria de Ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com expectativas de aprendizagem do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012), os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, devem chegar ao final do ano letivo apresentando a hipótese de escrita alfabética, ou seja, ter o domínio das correspondências das letras e seus valores sonoros, lendo e escrevendo palavras e textos, porém, isto não significa que não possam cometer erros ortográficos.

As expectativas de aprendizagem, para que se tornem possíveis, demandam um trabalho efetivo, por parte do professor, no sentido de possibilitar boas situações de aprendizagem, capazes de desestabilizar os saberes sobre a escrita trazidos pelas crianças e, ajuda-las a avançar no processo de produção de novos conhecimentos.

Nas palavras de Weisz (2000 apud Ministério da Educação, 2001), uma boa situação de aprendizagem deve obedecer quatro princípios didáticos básicos:

1. Os alunos precisam pôr em jogo tudo o que sabem e pensam sobre o conteúdo em torno do qual o professor organizou a tarefa.
2. Os alunos têm problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõem a produzir.
3. O conteúdo trabalhado mantém as suas características de objeto sociocultural real — por isso, no caso da alfabetização, a proposta é o uso de textos, e não de sílabas ou palavras soltas.
4. A organização da tarefa garante a máxima circulação de informação possível entre os alunos — por isso as situações propostas devem prever o intercâmbio, a interação entre eles.

Boas situações de aprendizagem devem partir, como dito pela autora, dos conhecimentos que a criança já traz sobre a escrita. A não proposição de boas situações de aprendizagem pode impedir os avanços infantis no processo de construção da escrita.

A análise de dados das sondagens realizadas nas diferentes escolas pesquisadas, mostra que há escolas nas quais há poucos avanços no processo de construção da escrita, enquanto outras, aproximam-se mais das metas estabelecidas pelos órgãos oficiais.

Vale ressaltar que nosso olhar está voltado para escolas pertencentes à uma mesma Rede de Ensino, em uma mesma região da cidade de São Paulo, com os mesmos objetivos de aprendizagem e que partilham das mesmas diretrizes pedagógicas e dos mesmos materiais didáticos.

As diferenças encontradas, nos resultados apresentados pelas diferentes escolas nos leva a questionar os porquês dessas diferenças.

Uma resposta possível pode residir, exatamente, na proposição, ou não, de boas situações de aprendizagem, pensadas a partir dos resultados obtidos nas sondagens. Realizar as sondagens de forma protocolar, em atendimento a uma exigência burocrática, não promovem avanços no processo de construção da escrita. É preciso que o professor seja capaz de olhar para esses resultados e utilizá-los como pontos de partida para boas situações de aprendizagem. Só assim, os alunos poderão não só adquirir habilidades de leitura e escrita, mas também, tornarem-se usuários dessas habilidades,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e Terra, 2007

MENDONÇA, O. S. Alfabetização ou letramento? Equívocos e consequências na sala e aula. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 11, pp. 28 – 48, set. 2011. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Acesso em 08 de setembro de 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Currículo na alfabetização: concepções e princípios**: ano 1: unidade 1/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. — Brasília: MEC, SEB, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Orientações didáticas fundamentais sobre as expectativas de aprendizagem de língua portuguesa**. Anos Iniciais do Ensino Fundamental –1º ao 5º ano / Secretaria da Educação, Coordenadoria de Gestão da Educação Básica, ago. 2013

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Guia do Formador. Coletânea de Textos, 2001.